

PROCESSOS DE ARCAIZAMENTO NO LÉXICO DO SERIDOENSE

Prof. Camilo Rosa – DESE - CERES – UFRN

"Sendo a clareza a principal virtude da oração, a elocução será viciosa se necessita de quem a interprete. Das palavras novas, escolham-se as mais antigas e das antigas, as mais novas".

Quintiliano

Introdução

Quando uma determinada coletividade faz uso em seus processos intercomunicativos de um cristalizado sistema de sinais verbalizadores dos elementos que compõem seu universo, tal manifestação acústico-oral vem caracterizar aquilo que se pode denominar de língua. Esse sistema impõe-se como conseqüência de um processo histórico, cuja dinâmica pode propiciar empobrecimentos ou alargamentos nos acervos lexicais formativos do universo lingüístico.

É certo que as línguas evoluem (ou regridem!), embora esse fato não se faça perceptível à consciência do falante. Há que se considerar o teor de abstração e generalização contidos nesse entendimento de língua enquanto sistema, uma vez que a diversidade de manifestações impostas pela relativa liberdade que tem o falante possibilita uma incessante marca de variação, cuja realização pode ser facilmente apontada nas variedades dialetais que caracterizam as línguas em geral.

Às variações diatópicas (espaço geográfico), diastráticas (extratos socioculturais) e diafásicas (modalidades expressivas) somam-se diferenças etárias e geracionais. O conhecimento dessas diferenças leva a uma melhor compreensão da língua como um todo, o que justifica a realização de estudos que tenham um cunho assumidamente dialetológico. Entende-se, aqui, por dialeto, os subsistemas constitutivos de um determinado sistema lingüístico (a língua) que apresentam pontos de interseção e de disjunção.

Nos dias atuais, os estudos dialetológicos justificam-se, ainda mais, pela facilidade com que as mudanças ocorrem na sociedade, seja no plano material, seja no plano das idéias. A esse respeito declara Aragão (1990):

"As facilidades advindas da modernização dos meios de comunicação de massa trazem consigo a tendência de nivelar, em todos os sentidos, espacial, temporal e social, os vários dialetos ou falares de uma mesma língua. Daí surgem a importância e a necessidade de se estudar, analisar e caracterizar tais dialetos, antes que sejam absorvidos e desapareçam sem que deles se faça um estudo científico sistematizado e um registro para a história da língua."

O presente trabalho almeja inserir-se no âmbito de tais estudos, direcionando sua atenção para a descrição de elementos léxicos representativos da fala do homem seridoense, assinalando uma preocupação em reconhecer o caráter visivelmente arcaizante que os distingue.

O *corpus* ora focado é constituído de amostras de palavras colhidas em entrevistas realizadas com falantes residentes na microrregião denominada de Seridó Ocidental, no Sertão do Rio

Grande do Norte, especificamente nos municípios de Caicó, Cruzeta, Jardim do Seridó, Jucurutu, Parelhas e Serra Negra do Norte.

Impõe-se, como objetivos imediatos, concretizar o registro de uma série de itens lexicais arcaicos, ou que se encontram em processo de arcaizamento. Entende-se que a utilização de termos marginalizados pela linguagem pretensamente culta, encontra resistência em determinados núcleos lingüísticos do Seridó.

A seleção dos informantes norteou-se, basicamente, pela preocupação em investigar a fala de indivíduos pertencentes a camadas sociais menos favorecidas e, por isso, provavelmente alijadas de qualquer processo de escolarização que pudesse vir a influenciar a articulação de sua linguagem. Além disso, procurou-se trabalhar com falantes, letrados ou não, pertencentes a uma faixa etária considerada elevada: a partir de 65 anos. Assim foi procedido por acreditar-se constituírem esses informantes um bloco de resistência a modificações vocabulares indicadoras de modernismos lingüísticos.

Buscou-se, com esse expediente, identificar o uso de formas de expressão em franco processo de arcaizamento veiculadas no linguajar dessa região, por acreditar-se que o vocabulário dos usuários da língua aqui investigados apresente características próprias, em conseqüência da utilização de um tesouro lingüístico recheado de palavras e expressões desusadas pelos demais falantes.

As entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, das quais foi retirado o material léxico aqui analisado, foram levadas a cabo por alunos da disciplina *Gramática Histórica*, ministrada nos períodos de 94.2 e 95.1, no curso de Letras, no CERES-UFRN, campus de Caicó.

Os Arcaísmos

O fenômeno do arcaísmo pode atingir o vocabulário, a morfologia, e a estrutura de construção da língua. Os arcaísmos léxicos e semânticos dizem respeito diretamente ao vocabulário. Por arcaísmos léxicos compreendem-se as palavras que deixaram de ser usadas porque se tornaram desnecessárias ou porque foram substituídas por sinônimos de formação variada. Quanto aos arcaísmos semânticos, estes são vocábulos que hoje apresentam uma significação diversa daquela que ostentavam em época passada.

Entende-se, portanto, que arcaísmo é o termo pertencente à data remota em relação àquela em que se o emprega, ou seja, é o registro de palavras, expressões ou construções lingüísticas antigas que, na dinâmica da língua, vão sendo preteridas por outras mais recentes, até que seu uso não mais seja efetivado na atualidade. No entanto, é preciso atentar para a relatividade desse conceito, pois, como afirmam Cardoso e Cunha (1978), "*em rigor, não se pode falar em arcaísmo a não ser em relação com o uso normal consagrado em certo momento da história de uma língua*".

A diacronia das línguas em geral deixa aparente o fato de que as palavras envelhecem, perdendo sua carga expressiva. Tentando imprimir um maior colorido à comunicação, os falantes vão utilizando palavras novas quanto à forma ou quanto ao sentido, para representar idéias para as quais determinadas palavras parecem desgastadas. Dessa maneira, de uma geração para outra, é possível que o processo de arcaizamento ganhe impulso, concretizando-se com o passar do tempo.

De uma forma mais específica, poderiam ser citados alguns fatores que determinam a arcaização das palavras, a saber: o desaparecimento das instituições, costumes e objetos a que elas faziam referência; o aparecimento de sinônimos que passam a ser preferidos; a degradação de sentido (certas palavras assumem uma carga semântica pejorativa, o que faz com que sejam evitadas); os neologismos; os eufemismos; além do sentido especial atribuído a algumas expressões.

É predominante, entre os estudiosos, o entendimento de que a preservação de arcaísmos evidencia uma das características da língua popular, onde eles mantêm-se, a despeito da proscricção observada na língua considerada culta. Esse pensamento é ratificado pela série de palavras registradas nas entrevistas acima aludidas, as quais embora sejam atualmente

desusadas na modalidade da língua tida como padrão, vão encontrando fôlego no emprego popular, tornando-se resistentes ao tempo.

Os termos coletados - considerados arcaísmos ou em franco processo de arcaizamento - são apresentados a seguir, com a significação que o falante lhe empresta na fluência despreocupada e espontânea da linguagem coloquial:

abancar-se (sentar-se, dispor à volta da banca)
anágua (roupa íntima feminina)
andaço (diarréia, pequena epidemia)
apalermado (bobo, idiota)
arigó (matuto)
arrelia (zanga, briga, discórdia, barulho)
biboca (cova, casebre)
bigu (carona)
bufete (pancada com a mão)
brocoió (matuto)
breguesso (objeto indefinido, coisa sem valor)
bruaca (bolsa)
cabroeira (coletivo de cabras)
caçua (cesto feito de cipós)
califon (sutiã)
cancela (porteira)
candeia (lâmpada)
cantareira (prateleira que se usa nas cozinhas para depositar cântaros com água)
caritó (moça velha que não casa, solteirona)
caviloso (astuto, capcioso, fingido nos agrados, manhoso)
ceroulas (tipo de cueca)
chispar (correr em disparada)
cocorote (cascudo, tapa na cabeça)
cubar (avaliar ou medir)
copiar (alpendre, vestíbulo)
currumbá (sambongo, doce de coco ou mamão verde)
fubica (automóvel velho ou muito estragado, calhambeque)
fuzuê (festa, barulho, confusão, conflito)
jirau (estrado de varas sobre forquilhas, usado para guardar pratos, panelas, etc.)
lambisgóia (mulher magra, deslambida, antipática)
locomóvel (máquina de vapor sobre rodas)
magote (grande quantidade)
maravalha (graveto)
marrafa (pequeno pente ornamental usado para prender os cabelos)
molambo (pedaço de pano velho, rasgado e sujo; farrapo)
oitão (cada uma das paredes laterais da casa)
palangana (grande tigela, xícara muito grande)
pelejar (batalhar, lutar, pugnar, insistir)
pereba (infecção cutânea imprecisa, pequena ferida)
pitar (aspirar o fumo ou tabaco de; aspirar fumo de cigarro, cachimbo; fumar)
petisqueira (armário, guarda-comida)
ramona (marca de grampo para prender cabelos)
rapé (tabaco em pó, para cheirar; torrado)
sarapantar (causar espanto, admiração, assustar)
sifão (lança-perfumes)
testo (tampa de barro ou de ferro para vasilhas)
tipóia (mulher ordinária, reles, desprezível)
tramela (peça que gira ao redor de um prego para fechar porta, porteira, etc.)
trinchete (faca terminada em faceta muito aguçada)
venta (nariz, narinas).

Todas as palavras acima relacionadas encontram registro no Novo Dicionário da Língua

Portuguesa, de Aurélio Buarque Ferreira de Holanda (1986). Esse registro, no entanto, não invalida seu patente processo de arcaizamento, conforme entende Marroquim (1996):

"Há ainda palavras vindas do período arcaico que permanecem na língua visto como os dicionários as registram. São, entretanto, termos mortos, resíduos que os dicionaristas conservam embalsamados e que não têm mais vitalidade na língua culta. O povo, porém, as conserva e são usadas constantemente."

Muitas são as palavras que, mesmo registradas no Aurélio, apresentam na linguagem popular pesquisada, uma significação diversa daquelas aludidas por este compêndio:

	Aurélio	popular
biboca	cova, casebre	batente
bruaca	bolsa	boca muito grande
cabroeira	coletivo de cabras	multidão
cubar	avaliar ou medir	observar disfarçadamente
copiar	alpendre	sala de visitas
magote	grande quantidade	grupo de desocupados
tipóia	mulher ordinária	rede velha ou pequena

Percebe-se, então, que o processo de arcaizamento, muitas vezes, é apenas semântico, sendo ocasionado pela criação de neologismos conceptuais, que consistem na atribuição de um novo significado a palavras já existentes na língua. Ullmann (1964) entende que esse fenômeno é corriqueiro na dinâmica de renovação do léxico:

*"O sistema fonológico e gramatical de uma língua é constituído por um número limitado de elementos intimamente organizados. O vocabulário, por outro lado, é um agregado frouxo de um número infinitamente maior de unidades; é, conseqüentemente, muito mais fluido e móvel, e elementos novos - **palavras ou significados** - podem ser acrescentados com maior liberdade, enquanto que os já existentes poderão cair em desuso com toda facilidade." [grifo nosso].*

É o que ocorre com as palavras expostas a seguir, as quais são usadas pelos entrevistados com acepções diferentes daquelas com que são consagradas no uso coevo, principalmente por falantes que representam uma faixa etária mais jovem.

	significado arcaico	acepção atual
catatau	cama velha	pequeno, de baixa estatura
lascada	mulher desvirginada	rachado ou quebrado em lascas; pessoa em dificuldade (pop.)
quichó	habitação pequena	armadilha para animais
quirrimboque	utensílio para guardar tabaco	casa pequena
surrão	caçamba de couro	indivíduo muito sujo

Essa constatação encontra eco no pensamento de Marroquim (op. cit.), que assinala:

"Grande número de palavras na língua arcaica vivem ainda hoje em uso na língua do Nordeste. Transmitidas pela tradição oral, têm-se conservado resistentes à natural

evolução do Português. Algumas vezes, a palavra permaneceu na língua culta, mas modificou o seu sentido. O povo ainda a emprega, entretanto com a mesma significação do século XVI".

Observe-se a seguir, uma enumeração de termos que fazem parte do vocabulário ativo de alguns dos falantes entrevistados. São expressões potencialmente arcaizadas em relação ao português corrente e das quais não há registro na referida edição do *Aurélio*:

amuquevar (açoitar)
atagé (armário de parede)
cabilouro (nuca)
cachete (pílula)
caeba (cachaça)
fofuleira (isqueiro)
gravanha (comidas)
tosse braba (coqueluche)

Importa ressaltar que a grande maioria dessas palavras fazem parte efetivamente da linguagem coloquial dos seridoenses entrevistados, fluindo com naturalidade em seu falar, acompanhadas, certas vezes, pelo termo atual que as substitui, proporcionando um espécie de "tradução".

Pode-se, com facilidade, observar que o número mais significativo de arcaísmos léxicos é constituído por palavras que caíram em desuso causado pelas degradações e nobilitações semânticas, influenciadas por fatos lingüísticos circunstanciais: constituição da sociedade, seus usos e costumes, leis e crenças, cuja perene transformação reflete sua dinâmica na linguagem oral e escrita. São esses fatores que fazem com que certos termos tornem-se obsoletos e sejam substituídos por outros que se mostrem melhor adequados às situações atuais, tomando outras feições.

O progresso e a modernidade que impelem o homem ao contato inevitável com elementos novos, sejam objetos, instrumentos, atitudes, gestos ou abstrações vão eliminando palavras que nomeiam os mais diversos componentes de seu universo cotidiano. Elementos que tempos atrás compunham o mobiliário, como: atagé, cantareira, jirau, etc., hoje são substituídos por criações de estrutura física reelaborada, provavelmente com utilização distinta daquela verificada no passado e, obviamente, com outras designações. O mesmo se verifica no tocante a peças que compõem o vestuário básico: combinação, califon, ceroula; aos mais variados tipos de utensílios domésticos: caçuá, candeia, fofuleira, palangana, petisqueira; e até em relação a alguns verbos denotadores de ações: cubar, chispar, pitar, pelejar, sarapantar etc.

Observa-se, ainda, que há algumas coincidências entre o vocabulário utilizado por escritores antigos e o de camadas da comunidade lingüística em foco, uma vez que expressões as mais corriqueiras remetem a formas usadas, por exemplo, por Camões, em cuja obra, podem ser encontradas palavras como *piadoso*, *simpres* e *pubrico*.

É pertinente remeter tal verificação ao pensamento de Melo (1981), que assim se expressa:

"Atentando-se à morfologia e à sintaxe do português popular do Brasil, chega-se à conclusão de que ele coincide com a língua do século de quatrocentos. Um português tardio, que já perdeu alguns de seus caracteres dos tempos mais antigos."

São expressões que foram ou vão se desgastando, vítimas das transformações impostas pelo tempo. Em seu lugar, expressões neológicas, muitas vezes resgatadas de épocas remotas, revestem-se de uma nova significação, passando a ser usadas correntemente.

Considerações Finais

Uma observação mais atenta à sincronia atual da língua corrente deixa transparecer que alguns

dos vocábulos aqui destacados estão mortos e seu ressuscitamento é algo que se configura improvável; outros, à baila das oscilações da moda, podem fugir de seu ostracismo e voltarem, de forma ativa, ao gosto popular ou mesmo padrão.

Às razões já anteriormente citadas que explicam esses fenômenos, podem ser adicionados o gosto pelo novo e a própria inventividade do povo, que se faz senhor da linguagem verbalizada. Assim, expressões novas vão sendo introduzidas no circuito idiomático, caindo no gosto popular, e ao serem perfilhadas pelos escritores, substituem aquelas já surradas, que vão ficando esquecidas.

É relevante que considerável parte das palavras aqui relacionadas apresentem registro no dicionário *Aurélio*, a maioria das vezes com um significado igual ou aproximado àquele com que são usadas na fala dos indivíduos pesquisados. Assim, poder-se-ia entender que o arcaizamento desses vocábulos, apesar de hodiernamente indiscutível, não descarta de todo uma possibilidade de reversão desse processo, uma vez que seu uso regular pode ser resgatado a partir de uma simples consulta ao dicionário, ficando essas palavras à mercê das ondas imprevisíveis dos modismos lingüísticos.

Na visão de Cardoso e Cunha (*op. cit.*), "*a reversão de arcaísmos à linguagem corrente é fato sem dúvida incontestável*". À propósito, esses Autores criticam alguns gramáticos que usam a condição de reversibilidade ou irreversibilidade de termos arcaicos, como elemento relevante em seu processo de caracterização; somente o tempo poderia ratificar uma possível reversibilidade ou irreversibilidade do arcaísmo. Assim, qualquer conclusão que leve em conta esse critério pode ser considerada precipitada.

É farta a lista de palavras arroladas por autores que assinalam como arcaísmos, termos que hoje fazem parte do português corrente: *córrego, devaneio, dissidente, esnobar, queixume*, etc. são exemplos de termos considerados arcaicos em obra de Duarte Nunes do Leão, autor do século XVII. A esse respeito, afirma Rui Barbosa (apud Cardoso e Cunha, *op. cit.*): "*Dos vocábulos que Duarte Nunes, vai por três séculos, enterrava, quase metade a precisão, a curiosidade, ou a arte os trouxeram de novo à luz e circulam hoje a par dos novíssimos no idioma corrente.*"

Importa ressaltar que a anteriormente referida dinâmica que caracteriza a linguagem verbal vai encontrar na pragmática suportes que permitem a utilização de arcaísmos ou neologismos, podendo o falante lançar mão desses recursos, sem que tal utilização imponha-se como ruído dificultador do processo comunicativo.

Cumpre reafirmar, concluindo, que o estudo ora veiculado, credita sua justificativa à intenção de adentrar no universo da linguagem regional, apostando na desmitificação da decantada "Unidade lingüística do Brasil", numa pretensa contribuição para o combate ao preconceito lingüístico radicado no seio da comunidade, especialmente a letrada.

BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares nordestinos. In MELO, Linauda de Arruda. (org.) *Sociedade cultura & língua: ensaios de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: CCHLA/FUNAPE/UFPB, 1990.
- CÂMARA JR. J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CARDOSO, Wilton, CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1978.
- CARVALHO, Dolores Garcia, NASCIMENTO, Manuel. *Gramática histórica*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Carlota, CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1992.
- GOULART, Audemaro Taranto, SILVA, Oscar Vieira da. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. 31. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1978.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

ULLMANN, Stephen. *Semântica - uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

SILVA, Camilo Rosa da. *Inovação lexical no texto jornalístico: produtividade neológica nos jornais Diário de Natal e Tribuna do Norte*. (dissertação de mestrado). João Pessoa: UFPB, 1999.

